

Quinta de Nossa Senhora das Dores

Uma reabilitação

Hugo Fonseca de Azeredo

Dissertação para Mestrado Integrado em Arquitectura

FAUP ano lectivo 2008/2009

Dissertação para Mestrado Integrado em Arquitectura

FAUP ano lectivo 2008/2009

Quinta de Nossa Senhora das Dores – uma reabilitação

Hugo Fonseca de Azeredo

Docente Acompanhante

Professor Domingos Manuel Campelo Tavares

Frequência no Seminário “Cultura e Habitar” - no período de Setembro de 2007 a Fevereiro de 2008 – sob orientação de:

Professor Rui Jorge Garcia Ramos

“Não tem sentido livrarmo-nos do passado para pensar apenas no futuro. Até o facto de nisto se acreditar é já uma ilusão perigosa. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada; não nos dá nada; somos nós que, para o construir, lhe temos de dar tudo, dar-lhe até a nossa vida. Mas para dar, é necessário possuir, e nós não possuímos outra vida, outro sangue além dos tesouros herdados do passado e dirigidos, assimilados, recriados por nós. Entre todas as exigências da alma humana, nenhuma é mais vital que a do passado.”¹

1 WEIL, S. (1949). *L'Enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. Éditions Gallimard. Paris.

Quinta de Nossa Senhora das Dores – uma reabilitação

Índice

Introdução	9
I. Confrontação	
Intenção	11
1ª visita	11
II. Intervir no existente	
Reabilitar um edifício (para turismo de habitação)	13
Memória – “alma do lugar”	13
III. Análise – as circunstâncias do projecto	
O lugar	
• Freguesia de Aradas	15
• Envolvente próxima – lugar de Verdemilho	17
A Arquitectura Popular	19
Quinta de Nossa Senhora das Dores	19
• Casa	27
IV. Projecto	
Programa	33
Abordagem	35
Proposta	36
Elementos desenhados	41
Conclusão	57
Bibliografia/Fontes	59

Introdução

O trabalho resulta de uma reflexão sobre o projecto prático de reabilitação de um edifício dos inícios do séc. XIX e de requalificação de toda a quinta na qual está inserido. Pretende-se a abertura da quinta ao exterior, permitindo a interacção com o lugar onde se situa - Verdemilho, arredores de Aveiro. Tendo sido escolhido, para o efeito, um programa de turismo de habitação, o conteúdo do texto incidirá sobre a articulação entre este tema e o da intervenção no património construído.

Para servir o propósito da reabilitação e requalificação da área de estudo, a intervenção terá de passar pelo melhoramento das condições de habitabilidade das construções existentes, dotando-as de condições que permitam a implementação dos novos programas. Torna-se necessário estudar os problemas daí resultantes, que vão desde questões de confrontação de linguagens a questões relativas às condições de viabilidade dos próprios programas a propor. As questões de compatibilidade estrutural não são abordadas, já que entendo que ser necessário um tipo de conhecimento e experiência que ainda não possuo, numa área tão delicada neste ponto como é a reabilitação de edifícios.

Assim, o estudo para este trabalho é apresentado como anteprojecto funcionando, sobretudo, na perspectiva de resolução formal e funcional dos espaços interiores e exteriores. Para tal, interessa perceber os conceitos inerentes à intervenção no património construído, quais os posicionamentos possíveis face à preexistência e que tipos de diálogos se podem estabelecer com esta, para confrontar as reflexões daí resultantes com o meu próprio projecto. O estudo do edifício e suas “circunstâncias” é, também, uma inevitabilidade, dado que só percebendo a sua linguagem, o peso do seu contexto, será possível conceber uma proposta com sentido.

O trabalho pretende, acima de tudo, reflectir uma experiência pessoal. Um exercício que visa testar o meu posicionamento (resultante de todo um conjunto de conceitos assimilados ao longo destes anos) perante temas que surgem da elaboração de um projecto prático.



Espaços da Quinta

I - Confrontação

Intenção

Os quatro irmãos proprietários da Quinta de Nossa Senhora das Dores pretendiam, sobretudo, a rentabilização do espaço da Quinta. Para tal, pediam uma intervenção não especificada no edificado e tinham uma enorme expectativa quanto à possibilidade da execução duma operação de loteamento numa parcela do tardo do terreno – o que permitiria a obtenção de mais-valias importantes – só possível porque o plano de pormenor prevê o seccionamento do terreno, que resulta da abertura de um arruamento que o atravessa transversalmente.

Os clientes, não tendo a certeza do que pretendiam, foram debitando ideias vagas e desconexas sobre um lugar carregado de memórias mas que, paulatinamente, caminha para uma degradação inexorável. Cheguei à conclusão que lhes interessava abrir a Quinta ao exterior, intenção muito apoiada na reactivação das visitas à capela existente no espaço (as antigas romarias).

Depois de contactos com o departamento de obras da Câmara Municipal de Aveiro e com a Junta de Freguesia, passei a saber quais as limitações a que estava sujeito e a abordagem ao trabalho teve sempre isso em conta.

Tendo em conta a existência de algumas escolas nos arredores e da proximidade do Campus Universitário de Aveiro, conformados pelo potencial atractivo da capela, ficou decidida a linha mestra na condução do trabalho em presença: a reconversão da Quinta numa perspectiva de turismo de habitação, com uma vertente cultural.

Para tal, torna-se necessário uma intervenção de reabilitação da Quinta de Nossa Senhora das Dores que contém, para além da capela, um solar do séc. XVIII, e uma série de edifícios secundários de cariz rural.

1ª Visita

Em visita ao terreno, deparo-me com um verde imenso. Árvores, arbustos, ervas... O castanho domina pelo chão, dividindo o protagonismo. A camada de folhas e frutos apodrecidos, arrancados pelo tempo, queda-se sobre os caminhos, poços e jardins existentes. A Natureza estende-se, desordenada (segundo a ordem natural), pelos vários espaços exteriores, fugindo à sua (ainda perceptível, apesar disso) marcação original controlada. Apesar de conformar as outras preexistências (porque as árvores também o são), parece tentar competir com as outras, cujo traçado, estruturas, muros, paredes e telhados dão sinais de fragilidade, e algum abafo, perante a sua força (ou será que, simplesmente, assumem a sua verdadeira essência, natural e efémera?). A vegetação rodeia as preexistências, ora escondendo-as, ora fazendo-lhes frente. A casa e a capela são, ainda assim e apesar do seu aspecto desgastado (com a queda da cal das paredes e algumas fissuras), as que se mantêm sem grandes perturbações.

A capela conserva a sua postura, frontal e respeitosa, solene, conformando o parque fronteiro do terreno. A fachada principal compõe, com os muros, um plano transversal à casa, interrompido por um portão que deixa ver, do outro lado, as alamedas e talhões de terreno agrícola estendendo-se até ao arvoredo, que esconde um pequeno riacho, ao fundo do terreno (dizem-me que lá existiu uma fonte: não encontramos vestígios).

A casa, solarenga, com a fachada principal voltada para o parque fronteiro, mantém-se digna. O seu aspecto maciço e imponente - para o qual contribuem as largas escadarias de pedra nos dois extremos dessa fachada - é esbatido pelo piso de terra batida que a serve

(nada interessante para este efeito), pela erva que daí cresce e por algumas árvores e arbustos que, obstinados, impedem a devida leitura, tal como acontece com a capela.

Das restantes preexistências, sobressaem telheiros - que pontuam o terreno, aqui e ali -, uma garagem e uma vacaria, agora abandonados, fazendo lembrar outros tempos da Quinta, o seu funcionamento rural, movido a carroças, bois e cavalos.

“No conjunto, a *Quinta de Nossa Senhora das Dores* constituía um verdadeiro hino à acção criteriosa do homem sobre a natureza e à harmonia que ela pode criar”¹. Destes tempos, restam paredes e alguns telhados em bom estado, restam as memórias das vivências e das funções que serviam e os estímulos deixados a quem os quiser captar, feitos nostalgia, para quem visita (costumava visitar), ou feitos intenções, para quem deles deseja a (re) construção dessas memórias (os clientes, donos da Quinta).

A intervenção neste espaço (a sua reabilitação) depende, sobretudo, da compreensão do “sítio”, da multiplicidade de relações que ali se cruzam: as preexistências; os caminhos com as árvores, muros e edifícios; os edifícios entre si e os seus diálogos com os espaços exteriores que eles ajudam a conformar.

1 MARTINS, D. P. (2005). *Fragments de Vida - A Minha Terra*. Acedido em 14 de Outubro de 2008, em:

<http://www.prof2000.pt/users/avcultur/DPMartins/AntonioTavLebre.htm>

II - Intervir no existente

Reabilitar um edifício (para turismo de habitação)

Sempre entendi o turismo de habitação como uma actividade que implica a reabilitação do (s) seu (s) edifício (s). Por definição, o turismo de habitação é uma actividade económica que aproveita o valor arquitectónico, histórico ou artístico de casas antigas particulares, exploradas pelos donos. A sua função é oferecer às pessoas uma experiência de vivência de cariz familiar numa casa apalaçada ou solar, representativa de determinada época. A preexistência é, assim, rentabilizada e os seus elementos de valor, as emoções e estados de espírito que estes transmitem, são colocados à disposição de quem os quiser aproveitar – o conforto dos seus espaços, a sensação de liberdade e de equilíbrio nos espaços exteriores, a paz de espírito quando se constata que ao edifício lhe é permitido “respirar”, ou até a sensação de se estar num local, a fazer qualquer actividade sem grande importância, pensando que por ali já andaram, ao longo dos tempos, muitas pessoas em tarefas familiares. Sente-se uma ligação mais pessoal, mais directa, à História.

A mais-valia do turismo de habitação é, portanto, a oferta de contacto pessoal (e até certo ponto íntimo) com um tipo de edifício habitualmente associado à exclusiva apreciação histórica ou arqueológica e, portanto, com um enquadramento distante. Não se tratará da reprodução dos hábitos quotidianos da casa, próprios da época em que foi construída, mas da reutilização dos espaços que serviam essas funções, numa perspectiva de lazer e repouso, o que proporciona a tal ligação histórica. Será como se, sentados numa cadeira de baloiço, fossemos espectadores de um filme de memórias, imagens que nos vão passando pela cabeça.

Memória - “alma do lugar”

A propósito da primeira conversa com os clientes, surgiu uma questão, desde logo considerada pertinente, dada a sua estreita relação com a problemática da intervenção no existente e dos conceitos inerentes a esta. Ao fazerem a descrição da Quinta e suas características, os clientes referiram-se, concreta e “fixamente” (ainda que de forma não totalmente consciente), a determinados elementos daquele espaço – o jardim fronteiro da casa, a sua biblioteca e a sua sala de jantar, o corredor do piso superior, a pequena casa que guardava os coches, o telheiro localizado no canto a sudeste do terreno, junto à rua principal. Creio que esses elementos são a materialização da sua forma de sentir o lugar, uma espécie de pontos de referência “mnemónicos” da emoção. Significa isso que, para aquelas pessoas, esses espaços ou elementos são pontos importantes na sua percepção pessoal das vivências do lugar onde estão inseridos, da memória desse lugar, enquanto conjunto das recordações e emoções que aqueles tentam, então, recuperar (ou preservar).

Será assim tão necessário ter “a consciência dos usos e das vivências por que passaram”² as preexistências?

Numa das suas conversas com Michael Auping, em resposta a uma pergunta sobre a sua infância, Tadao Ando diz: “*Todos nós tivemos certas experiências na infância que permanecem connosco por toda a vida. A casa em que cresci foi muito importante para mim. (...) O pátio tinha muita*

² “Recuperar ou reabilitar um objecto ou um espaço implica uma preexistência, melhor ou pior conservada fisicamente, mais ou menos relevante enquanto património histórico ou arquitectónico, mas também a consciência dos usos e das vivências por que passaram, que são tão relevantes para a sua interpretação quanto a sua evidência física.”

ROCHA, J. A. (2002). Uma nova existência. *Arquitectura e Vida*, 25: 46.

importância, pois a casa era muito comprida e a quantidade de luz, muito restrita. (...) Morar num espaço assim, em que luz e escuridão estão constantemente interagindo, foi uma experiência decisiva para mim. (...) A memória daquela casa sempre esteve comigo, o modo como os aposentos pareciam estar pintados em sombra e luz. É assim que eu experimento o espaço”³.

Revela-se, então, na minha cabeça, o posicionamento que considero correcto frente a uma obra deste tipo: a aceitação (compreensão) da memória enquanto elemento intrínseco na definição de uma intervenção no existente.

3 AUPING, M. (2003). *Tadao Ando. Conversas com Michael Auping*. Editorial Gustavo Gili, SA. Amadora. p. 9 – 11.

III – Análise – as circunstâncias do projecto

O Lugar

Freguesia de Aradas

O terreno situa-se no lugar de Verdemilho ⁴, que constitui, com os lugares de Aradas, Bonsucesso e Quinta do Picado, a freguesia de Aradas. Esta é uma das catorze freguesias do concelho de Aveiro, capital do distrito homónimo. Está situada a cerca de 3 km da sede concelhia e é limitada a Norte pela freguesia da Glória, a Nordeste pela freguesia de São Bernardo, a Nascente pela freguesia da Oliveirinha, a Poente e a Sul pelo concelho de Ílhavo. A sua população ronda os 13000 habitantes, distribuídos por uma área de, aproximadamente, 1000 hectares, abrangendo uma colina de brando relevo que se estende desde Verdemilho até ao Bonsucesso.

A freguesia de Aradas já foi Vila e, mais tarde, Concelho, para além de ter pertencido à comarca de Esgueira. A antiguidade da povoação é, certamente, muito anterior ao séc. XII, podendo supor-se, através dos estudos arqueológicos das imediações, que deve atingir épocas pré-romanas. Parte do seu território terá sido, nesses tempos, povoado de heras, cardos e amieiras, podendo tal deduzir-se pela toponímia local ⁵.

O clima da região, apesar de actualmente estarmos a sofrer, como consequência das alterações climáticas, a perda de alguma “identidade” das estações do ano, é altamente influenciado pela proximidade do Oceano Atlântico. É húmido e ventoso, de pluviosidade elevada, com reduzida variação das temperaturas.

No solo, predominam as argilas e as areias e a área é cercada por uma faixa xistosa, que a separa da dominante granítica (a Norte e a Nascente), ainda bastante próxima. Do arvoredo, destacam-se o carvalho, o castanheiro e o pinheiro-bravo.

A freguesia de Aradas está inserida numa região onde a cerâmica obtém alguma preponderância económica e cultural, tendo as actividades ligadas a esta assumido um papel bastante importante no seu desenvolvimento, ao longo dos últimos 200 anos – a prová-lo, estão os dados disponíveis no Inquérito Oficial de 1865, segundo os quais se encontravam em Aradas, à data, vinte e seis olarias. Para além disso, outrora muito apoiada na agricultura e no pequeno comércio, a freguesia tem sofrido um considerável desenvolvimento industrial e de serviços, acompanhado por uma cada vez maior e mais rápida ocupação urbana. O seu carácter rural tem vindo a desvanecer e toda a área está cada vez mais “dentro da cidade”.

Como habitante da zona, ainda que entenda como desejável o progresso e o desenvolvimento económico e social, é com algum pesar que assisto ao aparecimento de construções incaracterísticas (para não dizer pior), mas sobretudo à descaracterização da dimensão rural do sítio e provável perda de memórias a ela associadas, que seguram as pontas da sua identidade sócio-cultural. Penso, por isso, que a abordagem sobre o

4 «A etimologia popular para a designação deste lugar refere a evolução do topónimo *Villa de Milio*, de 1166, até à forma actual, *Verdemilho*, que terá aparecido entre 1527 e 1689. Existe a hipótese de *Villa de Milio* remontar a uma povoação, anterior àquela data, chamada *Villa Aemilia*. Esta terá origens numa paróquia sueva, existente em cerca de 570, denominada *Milia*. O topónimo terá evoluído para *Villa Emilia*, depois tornada *Villa d' Emilio*, até chegar a *Villa de Milio*, com a fusão da primeira sílaba de *Emilio* com a última de *Villa* (*Villemilio* > *Villa de Milio*).»

CARVALHO, M. J. G. (1999). *Povoamento e vida material no concelho de Aveiro: Apontamentos para um estudo histórico-toponímico*. Tese de Mestrado. UA. Aveiro. p. 275 - 276.

5 O topónimo *Aradas* foi inicialmente *Heerada* e depois *Arada*, a que se juntou um “s” paragónico. Existem duas versões sobre o seu significado: enquanto que alguns defendem que *Arada* é significativo de “terras aradas”, para outros, *Heerada*, topónimo inicial, indica “local coberto de heras”.



Praça em Verdemilho



Rua



Casa antiga



Pátio da casa



Telheiro da casa



Vacaria da casa

património histórico da freguesia deverá ser mais abrangente do que a simples divulgação do mesmo ou do que o empreendimento de obras, quase mínimas, de requalificação da envolvente dos edifícios públicos mais emblemáticos (sobretudo religiosos) ou de recuperação dos mesmos. Ainda que se queira aceitar (ou forçar) a transição do carácter rural da freguesia para o subúrbio citadino, é absolutamente necessário não fazer vista grossa à sua essência rural.

Os edifícios e espaços públicos mais antigos, da freguesia de Aradas, provam (a quem quiser/necessitar saber) o seu carácter rural. Com a fixação, dos lavradores e suas famílias, junto das terras que trabalham, as casas, de um ou dois pisos, *“dispõem-se de face para o caminho, emparedando-o e dando assim nascença à rua”*⁶. Para entrada de carroças e tractores, um portão faz a comunicação com o pátio (parcialmente coberto), que serve o quintal (para trás) e as divisões à sua volta, do piso térreo da casa e dos anexos. Na fachada principal da casa, abre-se, para além de uma ou duas pequenas janelas, *“a porta da rua, donde arranca a escada interior para o andar, ou então a solução exposta, pondo em contacto directo a residência com o terreno público. O acesso faz-se assim directamente para a rua. (...) mais adiante, no centro ou à cabeça do povoado, no local mais valorizado, a igreja com o seu adro, as suas árvores – prenúncio longínquo da praçazinha”*⁷. Os telhados, de telha cerâmica, apresentam baixa pendente e beirados pronunciados. Dada a predominância, na região e no que respeita à agricultura, do cultivo do milho, ainda se avistam, em alguns quintais, eiras (para a secagem a céu aberto) e sequeiros (para a secagem protegida da elevada pluviosidade). Ainda um ou outro cata-vento rudimentar, lagar ou tulha. Celeiros e instalações para animais, são relativamente comuns, agora mais concentrados em algumas zonas.

Do património histórico da freguesia destacam-se, para além da Quinta de Nossa Senhora das Dores, a Igreja de S. Pedro (Igreja Paroquial de Verdemilho), a casa do Dr. Alberto Souto (foi reconstruída e serve agora o Arquivo Distrital), a Capela de S. João e a Capela de Nossa Senhora da Memória, no Bonsucesso, a Capela de Nossa Senhora de Lourdes, em Aradas, a Capela de Nossa Senhora do Livramento, a azenha e a Fonte do Carochão, na Quinta do Picado.

Envolvente próxima: lugar de Verdemilho

Situado na zona mais a SO do lugar de Verdemilho, o terreno da Quinta de Nossa Senhora das Dores é limitado a NE pela rua do Capitão Lebre (frontaria da Quinta), a NO pela rua Eng. B. Tavares Lebre e por um terreno vizinho, a SE por outro terreno vizinho e a SO por um pequeno vale de um riacho (que coincide com o respectivo limite da freguesia de Aradas).

Nas imediações da Quinta localizam-se alguns equipamentos que interessa referir, pois a estratégia do projecto funciona, também, de fora para dentro. Assim, há a destacar a presença do Jardim de Infância de Verdemilho, na rua Eng. B. Tavares Lebre (cujo terreno faz fronteira com a Quinta) e da Escola EB1 de Verdemilho, a cerca de 60 m a NE da Quinta, na rua do Solar de Nossa Sra. das Dores. A aproximadamente 220 m a SE da Quinta, medidos longitudinalmente pela rua do Capitão Lebre, encontra-se uma praça, que serve a Junta de Freguesia de Aradas, a Igreja de S. Pedro e o Centro Comunitário da Paróquia de Aradas. No prolongamento da mesma rua e segundo a mesma direcção, encontra-se, a cerca de 600 m, já no Bonsucesso, a Escola EB1 António Lopes dos Santos. Considera-se que os restantes equipamentos escolares e de acção social da freguesia estão já fora do raio de acção da Quinta, ainda que não sejam totalmente menosprezados pela estratégia de projecto.

6 AAVV. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal: Volume 1*. Centro editor da Ordem dos Arquitectos. Lisboa. p. 26.

7 idem



Frontão encimando a entrada principal da Quinta



Parque fronteiro , com zona de merendas, albergava as romarias à capela



Vista frontal da capela



Duas das entradas na casa



Bancos “namoradeiros”



Um dos caminhos extensos da Quinta



Ampla espaço exterior da Quinta

A Arquitectura Popular

Segundo uma máxima de Condorcet, “o homem será também a sua situação, a sua circunstância”, nada é sem o seu passado, as raízes que dão de beber e alimentam a natural continuidade.

Os condicionalismos naturais e o rumo de vida das populações influenciaram os nossos antepassados no tocante aos aspectos culturais, sociais e económicos.

As construções populares, qual “livro aberto”, são hoje um documento importante para discernirmos quais os modos de vida, as técnicas de construção, os hábitos da instituição família: “na casa, e em redor dela, aglomeram-se com maior ou menor arranjo arribanas e casotas, a ela subordinadas, para completar, por fora dela, os acondicionamentos necessários à lida rural. Perto estão os «canastos» ou «espigueiros», toscos ou alindados na forma e na cor viva; ali, a um canto do terreiro ou pátio aberto, estão os carros da lavoura”.⁸

Estas construções, de arquitectura vernácula, perduram através dos tempos pela sua solidez, durabilidade dos materiais, arbitrariedade das formas e volumes que se adaptam à geografia, ao relevo e às necessidades humanas. Os materiais autóctones usados confundem-se com a paisagem envolvente de forma equilibrada e harmoniosa. Esta não se imobilizou no tempo, adaptou-se continuamente com as suas expressões rústicas e rudes às necessidades do homem do mundo rural, muitas vezes menosprezado e esquecido por questões de snobismo intelectual.

Por todo o país, fruto de grandes transformações sociais e económicas, muitos abandonaram os espaços rurais deixando ao abandono obras modestas que adquiriram, com o tempo, um significado cultural, obras que são resultado de um saber empírico geracionalmente transmitido, com sentido utilitário e codificado na memória colectiva das comunidades locais. Também na Quinta de Nossa Senhora das Dores se sentiram os efeitos desse abandono, sendo hoje encarada como um encargo pelos seus actuais proprietários.

Quinta de Nossa Senhora das Dores

No que se refere à arquitectura doméstica portuguesa, na segunda metade do séc. XVIII a casa nobre adquire maior expressão de carácter barroco, numa altura de enriquecimento da nação. De facto, “*mercê do ouro e dos diamantes do Brasil, todo o país é presa duma febre construtiva de extensas proporções*”⁹. Neste período, a arquitectura portuguesa até então orientada segundo os cânones maneiristas sofre, em pleno reinado de D. João V, decisiva influência de Itália. “*É o período em que (...) as confrarias encomendam e fazem erguer as mais belas e sumptuosas igrejas, escadórios e fontes. As formas empoladas e os grandes gestos estão na ordem do dia*”¹⁰. Passando a ter como referência os modelos italianos, os construtores portugueses interpretam-nos segundo a sua visão particular e de carácter popular, praticando uma “arquitECTURA barroca autóctone”, cuja originalidade melhor se expressa no Norte de Portugal¹¹.

A Quinta de Nossa Senhora das Dores, edificada em meados do séc. XVIII, não foi, certamente, alheia às circunstâncias históricas deste período. O conjunto, embora construído para servir um estilo de vida mais nobre, apresenta um tipo de arquitectura um tanto rude. De facto, sente-se uma orientação barroca na abordagem da casa e da capela, assim como nas relações entre as construções e o jardim, mas permanece a influência da

8 CHAVES, L. (1959). *A Arte Popular: aspectos do problema*. Portucalense editora. 2ª edição. Porto. p.40

9 AAVV. (2004). *ArquitECTURA Popular em Portugal: Volume 1*. Centro editor da Ordem dos Arquitectos. Lisboa. p. 17.

10 idem

11 AZEVEDO, C. (1969). *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Editora Livros Horizonte. Lisboa. p. 66.



Sequeiro



Vacaria



Cavalariças



Anexos



Telheiro



Telheiro

construção de tipo popular, ainda cedendo ao peso do carácter campónio da envolvente, das pessoas que habitavam a casa e dos próprios construtores. *“Ainda transparece, na dominante horizontal da composição, no desenho e trabalho dos elementos construtivos, o dedo rústico do mestre-de-obras habituado a programas e traçados arquitectónicos mais modestos. Mas já se tornam evidentes, pela ênfase altaneira das formas e a amplidão dos espaços, os desejos polidos do homem de hábitos urbanos, retirado nos seus domínios da província”*¹².

História

A Quinta de Nossa Senhora das Dores teve como proprietário mais ilustre o Major Dr. António Tavares Lebre, médico-veterinário e oficial de cavalaria, que lá residiu até à sua morte, em 1966. As suas funções profissionais, aliadas às actividades típicas da freguesia, influenciaram, certamente, a organização funcional do espaço da Quinta, ocupado de acordo com funções agrícolas e de pecuária. A corroborá-lo, estão os edifícios existentes no espaço (que serviam essas funções) e os relatos, feitos pelas pessoas da região, acerca do quotidiano da Quinta e das rotinas do proprietário, envolvendo bois e carroças, cavalos e coches.

Para além disso, a Quinta interagia com o exterior: *“Era um local de encanto, onde, no verão, os rapazes e as raparigas casadoiras de Verdemilho adoravam passear e comer as suas merendas”*¹³. O seu dono organizava festas na propriedade e, imbuído de um sentimento de respeito pelo valor da capela, impulsionou o hábito de se lhe fazerem romarias: *“Todos os Domingos havia pessoas de fora que vinham à Capela de Nossa Senhora das Dores pagar promessas. (...) As pessoas dormiam agora no largo, ao relento, ou nos pátios das casas da vizinhança. (...) após 1945, a romaria perdeu algum do seu encanto específico. Mas continuou a ser uma festa espantosa até finais da década de 1960. Com o falecimento do Major Lebre os festejos, que ele organizava, deixaram de se realizar. (...) Hoje não passarão de algumas centenas aqueles que cá vêm todos os anos (...) para pagar as suas promessas”*¹⁴. Percebe-se, assim, que a capela existente seja, a par com a casa (ambas construídas no séc. XVIII), o objecto primordial do espaço.

O espaço da Quinta era ocupado de acordo com actividades agrícolas e de pecuária, mas tinha também uma vincada dimensão lúdica, sócio-cultural e religiosa. Por tudo isto, a Quinta de Nossa Senhora das Dores transporta bastante relevo, histórico e erudito, perante o lugar de Verdemilho e a freguesia de Aradas.

Terreno

O terreno da Quinta tem, aproximadamente, 180 m de largura por 345 m de profundidade e 6 hectares de área. Como anteriormente foi referido, dos seus limites constam duas ruas, terrenos vizinhos e um riacho. O terreno começa, do lado NE, a uma cota ligeiramente superior à da rua contígua. A partir daí, desce ligeiramente no sentido E – O, sofrendo uma variação de cota de 4 metros ao longo de toda a sua área (entre as cotas 98 e 102) e apresentando, no seu extremo SO, um declive mais acentuado, que vence cerca de 8 metros de cota em 54 metros (entre as cotas 90 e 98).

12 AAVV. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal: Volume 1*. Centro editor da Ordem dos Arquitectos. Lisboa. p. 44.

13 MARTINS, D. P. (2005). *Fragmentos de Vida - A Minha Terra*. Acedido em 14 de Outubro de 2008, em:

<http://www.prof2000.pt/users/avcultura/DPMartins/AntonioTavLebre.htm>
14 idem



Muro exterior com entrada principal



Casa



Capela



Escadaria exterior



Púlpito



Garagem



Torreão

Entradas

A separar a rua principal, a NE da Quinta (cujo piso se encontra a uma cota mais elevada), existe um muro com três portões de acesso e catorze janelões, protegidos com gradeamento. Sensivelmente a meio do muro, dividindo-o em duas partes, integra-se a fachada NE da casa, contendo uma porta de ligação directa com a rua. A composição métrica dos vãos, vista a partir da rua, da esquerda para a direita, aparece da seguinte forma: cinco janelões, um portão, três janelões, uma porta, um janelão, um portão (entrada principal), três janelões, um portão e dois janelões.

A entrada principal da Quinta surge logo à direita da fachada da casa existente, num plano em que o muro tem uma composição mais elevada, distinguindo-se do restante. Aqui, o portão é mais alto que os outros dois, assim como ambos os janelões que o ladeiam o são relativamente aos restantes. Todos os outros doze janelões são de parapeito elevado, conformando, no lado do terreno, nichos com “bancos namoradeiros”. O gradeamento dos janelões é em ferro forjado, assim como o portão da entrada principal. Os dois portões periféricos são de madeira, indicando distinção na sua função, relativamente ao portão principal – eram os portões de serviço, para acesso de cavalos e carroças de bois, enquanto aquele servia o acesso das pessoas à casa ou, em dia de romaria, à capela.

Existe outra entrada, pela rua a NO, através de um portão sem interesse arquitectónico, aberto no muro existente, desse lado do terreno. Muro esse, de altura consideravelmente baixa, em alvenaria de cimento, cuja construção é posterior à do muro fronteiro da Quinta, sobre as fundações de um outro. O portão está alinhado com a alameda que atravessa, transversalmente, todo o terreno.

Construções existentes

Num espaço dominado por zonas de jardim e talhões agrícolas, todos os edifícios existentes se distribuem ao longo do primeiro 1/4 longitudinal do terreno, mais a NE, junto à rua principal. O conjunto formado pela casa e capela situa-se, sensivelmente, ao centro da faixa. A NO deste conjunto situa-se uma garagem, a Poente um sequeiro e uma eira, enquanto a SE se localizam, sucessivamente, uma vacaria, uma cavalaria, três telheiros e um edifício de apoio às actividades agrícolas. Na zona SO do terreno, configurando uma faixa transversal, sensivelmente, a 3/4 da sua dimensão longitudinal, encontram-se quatro torreões, que pontuam os caminhos existentes.

Os edifícios existentes são, como já referido, resultado da aplicação de conhecimentos empíricos dos seus construtores. O carácter rústico dos elementos construtivos assim o denunciam, mas também a forma como certos aspectos foram solucionados. Como exemplos, posso referir: na eira existente, o aproveitamento do lado prático das árvores, que a circundam, protegendo-a dos ventos; na capela, a construção de um verdadeiro percurso que levava o padre da sacristia, do lado de fora da capela, directamente ao púlpito, no seu interior – na sacristia existe uma porta, dando para um lance de escadas exteriores (encostadas ao muro que as acompanha) desembocando, no piso superior, num pequeno patamar que serve a porta da capela que dá acesso ao púlpito.

Espaços exteriores

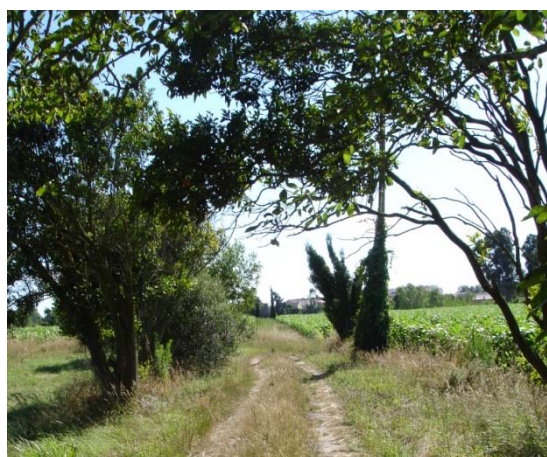
Transpondo o portão principal, existe um parque, delimitado, a SE pela fachada principal da casa e a SO por um plano, perpendicular àquela, contendo um muro e a fachada principal da capela, cuja entrada está alinhada com o portão principal da Quinta. À direita daquela encontram-se, num plano recuado, os seus espaços de apoio, um aglomerado de árvores e um pequeno edifício. O espaço deste parque é, finalmente, fechado, a NE e a NO, pelos muros acima descritos. Funcionando como átrio aberto do conjunto, o parque fronteiro serve a fachada desse lado da casa (na qual se localizam as entradas principais,



Parque fronteiro que serve a casa e a capela



Caminho até ao torreão, no extremo oposto



Arruamento de buxo com torreão ao fundo



Caminho até à porta lateral da capela



Vista do terraço – zona agrícola



Enquadramento da fachada com fonte

incluindo duas escadas exteriores), a capela e a garagem, submetendo, à maneira barroca, as árvores aí plantadas, a uma regra de marcação – ainda que pouco ortodoxa – de percursos que levam às entradas dos edifícios. O acesso à parte posterior do terreno é feito por um portão, aberto no muro que liga a casa e a capela.

Para o lado SE da casa, formam-se zonas de jardim, ligadas entre si por caminhos desenhados por sebes, um dos quais, acompanhando os alçados SO da casa, vacaria e cavalaria, prolonga a entrada SE da capela, até ao outro extremo. Esta intenção “teatral” de prolongar os espaços até ao infinito, sente-se também no arranjo dos caminhos longitudinais (com cerca de 2,5 m de largura, em terra batida), existentes ao longo de quase toda a área não construída do terreno, a SO dos edifícios. Estes caminhos conformam a implantação da vacaria, da capela e, principalmente, da casa, como que a estendendo para dentro do jardim. Delimitando zonas de jardim e talhões agrícolas, os caminhos, ladeados por duas filas de árvores, dispõem-se a partir de zonas de transição (portões), finalizando em torreões, cujas paredes interiores formam bancos de pedra, funcionando como retiros à sombra. Embora, actualmente, a zona central do terreno seja desprovida de arvoredos – e entregue, totalmente, à faina agrícola dos caseiros – adivinha-se que as filas de árvores, dos caminhos, completavam o seu percurso até aos torreões. Assim sendo, completar-se-iam os arruamentos de buxo, característicos do Barroco – cobertos pelas copas das árvores, filtrando a luz solar e direccionando para espaços abertos, de luz, ou para recantos mais íntimos, na penumbra.

No extremo SO do terreno, junto ao vale, existiu outro parque que, integrando também elementos arquitectónicos (já desaparecidos), rematava o conjunto, dando ainda mais sentido à composição.

Em todo o conjunto sente-se, assim, a intenção de criar alguns jogos de contrastes – cheio/vazio, luz/sombra – e a aplicação da perspectiva como forma de alongar os espaços e emoldurar certos elementos. Todo o espaço exterior é composto por uma, ainda que tênue, dimensão cenográfica, para a qual os edifícios colaboram.

Flora

Existe uma grande variedade de árvores ao longo do espaço. No parque fronteiro, acácias, pinheiros mansos compõem o espaço, fechado por uma “parede” de plátanos. Os cedros foram usados para pontuar certas zonas e formar barreiras nos limites do terreno, enquanto para formar os arruamentos de buxo se plantaram carvalhos, castanheiras, laranjeiras e limoeiros. Estas duas últimas configuram, também, as filas paralelas das duas zonas de pomar, entre os arruamentos. Uma fila de oliveiras rodeia o sequeiro e a eira, protegendo-os. Todas estas espécies florescem, de modo desordenado, pelos restantes espaços (entre os edifícios), para além de algumas palmeiras.

Sebes e arbustos são utilizados para formar as “fronteiras” de algumas zonas e para marcar percursos, alguns dos quais ainda visíveis.

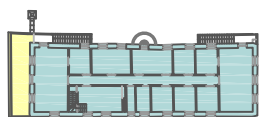
Águas

Dado o carácter da Quinta, virado para a agricultura e pecuária, existem, ao longo do terreno, vários elementos que asseguravam a distribuição da água a toda a área. Encontram-se, assim, dois poços e seis tanques, servindo essa função. Para além disso, o edifício da casa tinha também o seu próprio sistema de recolha e distribuição de águas pluviais, através de um depósito.

Ao centro da fachada principal da casa, existe uma fonte de parede. Solução engenhosa, já que combina a função prática de irrigação do jardim com funções decorativas, jogando com os sentidos – a visão e o som do derramamento da água – e com os efeitos cenográficos do movimento.

No parque outrora existente, junto ao vale, existiram outro tanque e outra fonte.

EVOLUÇÃO DA CASA



PLANTA PISO 1

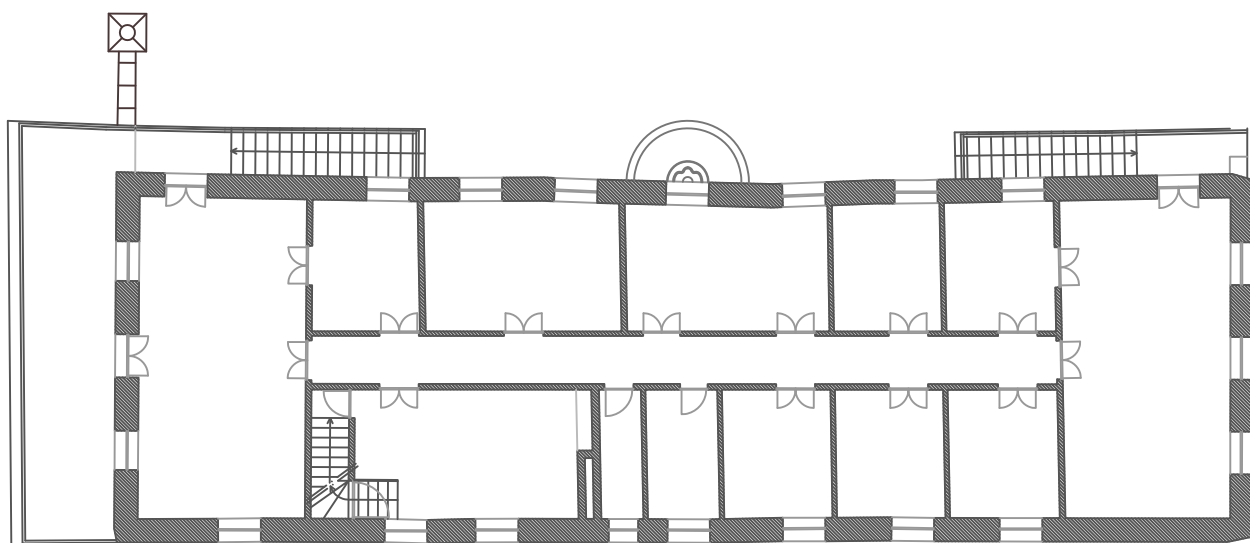


PLANTA PISO 0

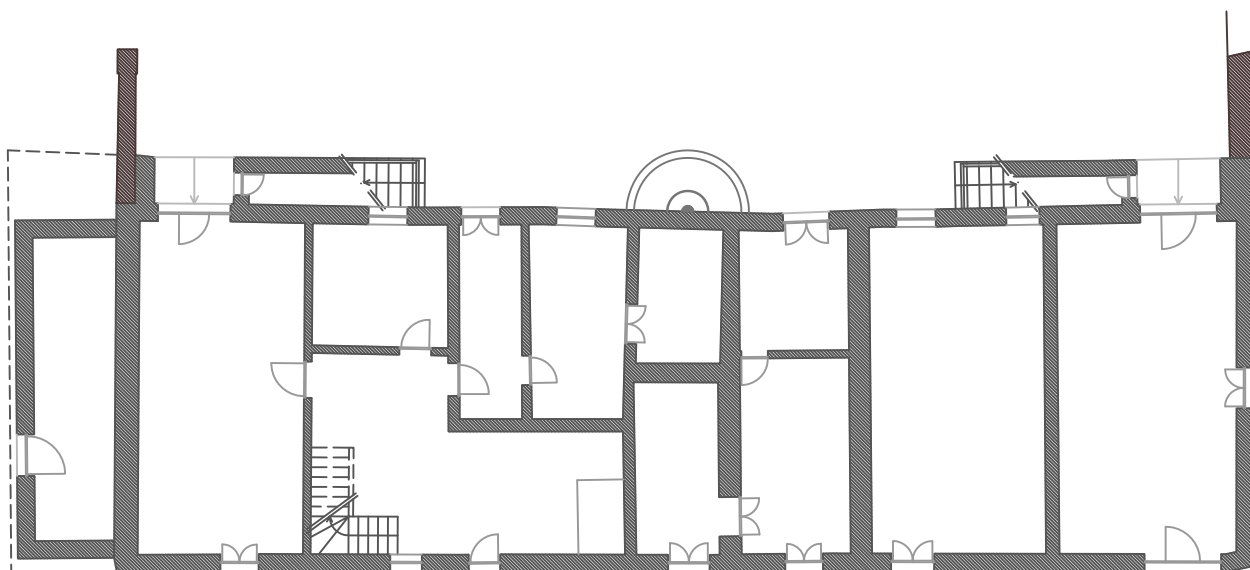
- SÉC. XVIII
- SÉC. XIX - XX (?)

ESC. 1/1000

PLANTAS DA CASA (EXISTENTE)



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 0

ESC. 1/200

Materiais e sistemas construtivos

Quase todas as construções existentes usam a parede de adobe ¹⁵, revestida com argamassa de cal e saibro e caiada de acordo com o método tradicional, que usa um aditivo isolante como o sebo. Apenas a cavaliça difere, pois foi construída em madeira, assente sobre base em alvenaria. O muro do limite NE é em alvenaria de cimento. A telha cerâmica é comum, como cobertura, a todos os edifícios. Os telhados apresentam estrutura de asnas de madeira em tesoura.

Casa

Como geralmente acontece na casa nobre setecentista, o solar da Quinta tem dois pisos e desenvolve-se horizontalmente. A sua implantação, rectangular e orientada perpendicularmente à frontaria da Quinta, configura duas fachadas longas, o que confere essa horizontalidade ao conjunto. A cobertura é um telhado de quatro águas em telha cerâmica.

Pela sua organização espacial interior, percebe-se que o andar superior é dominante – é o seu “andar nobre” de casa setecentista – fazendo do piso térreo o andar maioritariamente de serviço. Esta opção tem, certamente, muito a ver com a relação directa entre o piso térreo e o exterior, mas também com a evidência de privacidade conferida pelo piso superior (numa posição de visibilidade, mas pouco acessível).

O piso térreo apresenta, ao centro, uma série de espaços de menor dimensão e disposição irregular, destinados aos serviços. Aqui ficavam os aposentos dos criados, lojas para arrumação e adegas, para além da cozinha, virada para o jardim posterior (a SE), contendo uma lareira e as únicas escadas interiores de ligação ao piso superior. Os espaços sociais deste piso são chamados para as duas faces opostas, em duas salas a toda a sua largura. A do extremo NE serve, ainda hoje, uma biblioteca e surge isolada dos restantes espaços da casa, comunicando directamente com os pátios exteriores e com a rua, enquanto a sala do extremo oposto, com comunicação directa com a cozinha, seria a sala de comer do pessoal de serviços. Encostada a esta última existe um outro espaço – voltado para os jardins a SO e sem ligação ao interior da casa – ao qual se faz referência mais abaixo nesta análise.

A organização espacial do piso superior surge quase linear. No eixo longitudinal da planta existe um corredor, que organiza a compartimentação dos espaços. Pequenos quartos desenvolvem-se ao longo do corredor, que desemboca em duas salas nos extremos da casa, repetindo a configuração e medidas das salas do piso térreo. Um dos espaços laterais ao corredor contém uma lareira e comunica com o piso térreo pelas escadas em madeira – referidas anteriormente – e com o sótão, através de outro lance de escadas, por cima do primeiro. Presume-se, então, que funcionava como extensão da cozinha, ligando-a a este piso, para apoio à sala de jantar da família (a sala de jantar nobre), que lhe fica contígua. Para além disto, esta sala, como a do extremo oposto, surge como o espaço que faz a transição do corredor sombrio para a luz, que abre para os jardins e talhões de cultivo da parte SO (ou para a rua e envolvente da Quinta, no caso da outra sala).

Os interiores da casa são bastante simples, evidenciando alguma austeridade no estilo de vida dos proprietários, à época da construção. As divisões são algo acanhadas e de baixo pé-direito e o único elemento de algum interesse decorativo é o conjunto formado pelas escadas de acesso ao sótão e respectiva porta. Mas, apesar da ausência de elementos “concretos”, parece-me que o interior da casa não está privado de intenção decorativa, sobretudo o piso nobre. Isto porque a decoração surge, de facto, mas em moldes discretos

15 pequeno paralelepípedo constituído por barro, areia, estrume e fibra vegetal ou crina de animais, moldado numa forma de madeira rudimentar (adobeira), cozidos ao sol. Os adobes mais vulgares medem 0,08 x 0,18 x 0,35mm

ALÇADOS DA CASA (EXISTENTE)



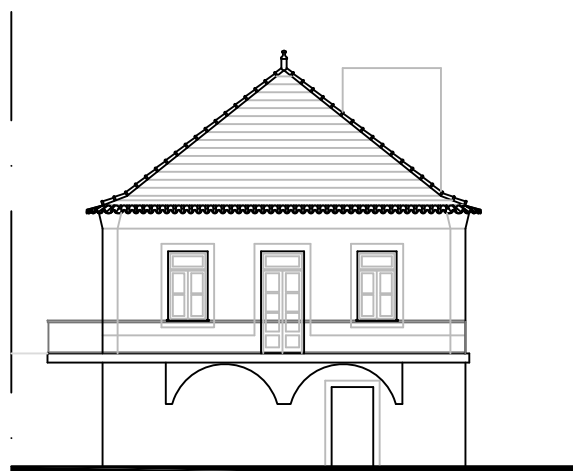
ALÇADO NOROESTE



ALÇADO SUDESTE



ALÇADO NORDESTE



ALÇADO SUDOESTE

ESCALA 1/200

e “abstractos”, conformados pela organização espacial do interior, que acciona percursos dotados de jogos de contrastes: o controlo da luz no confronto da penumbra do corredor com a claridade das divisões, o destaque dado pelas dimensões das salas em relação aos restantes espaços, a acentuação da perspectiva, através do alinhamento do corredor e das portas com as janelas das fachadas (sendo este último um exemplo claro da já aqui referida preocupação em prolongar os espaços “até ao infinito”, levar o interior ao exterior).

Se existe alguma exuberância no tratamento da casa, ela aparece nas fachadas, dominadas por um sentido frontal da composição e de horizontalidade, dados pela repetição dos vãos e pelas marcações horizontais, a toda a largura das fachadas - a cornija do beiral, o soco na parte inferior das fachadas e o friso simplificado entre pisos. Como atenuante desta tendência horizontal, funcionam os remates verticais, sob a forma de pilastras, nos extremos de cada fachada, assim como os pináculos nos vértices da cumeeira.

A fachada NO da casa, voltada ao parque frontal, destaca-se por duas escadarias a ela adossadas e por uma fonte de parede, ao centro da composição. Aquelas são de um único lance, linhas rígidas e feição arcaizante, dispostas paralelamente à fachada, dando acesso aos dois extremos do piso superior, partindo da zona central. Têm corrimãos em ferro forjado com elementos naturalistas, que dobram no primeiro degrau, formando pequenos portões. O outro elemento de maior destaque decorativo, a fonte de parede, tem duas taças sobrepostas e tanque em forma de meia-lua ¹⁶. A fonte é emoldurada por dois conjuntos de pilastras adossadas e um arco, pouco salientes e rematados com motivos decorativos curvilíneos. A fachada principal surge equilibrada no piso superior, onde aparece composta pela sequência de um modelo de vão que se repete ao longo da sua extensão: com 1,13 m de largura e 1,84 m de altura, o vão ostenta um avental curvo, rematado por um triângulo e, por cima da padieira, um elemento decorativo que parece evocar a ideia de telhado para a janela. A organização é feita a partir da janela ao centro, dispondo três outras para cada lado e acabando a sequência numa porta (com a mesma largura e padieira alinhada com as dos outros vãos). No piso térreo, é respeitada a correspondência com o piso superior, mas aqui aparecem quatro configurações diferentes de vão (alinhadas nas padieiras), entre os quais se destacam os dois vãos dos extremos, reflectindo a maior importância dos espaços a que dão acesso. Exceptuando estes últimos, os vãos do piso inferior são também encimados por um elemento decorativo, aqui com formas naturalistas. Estes elementos, como os do piso superior, aparecem sobrepostos à cornija do beiral e ao friso simplificado, deixando perceber que foram acrescentados posteriormente – este tipo de decoração tem uma “aura” popular, sendo possivelmente do séc. XIX. Os dois vãos dos extremos da fachada surgem por baixo do patamar das escadas, num pequeno pórtico fazendo arco e, acompanhando esta configuração, têm cerca do dobro da largura dos vãos superiores. Entre os pórticos e a fonte surgem, de cada lado desta, dois conjuntos de três vãos (duas janelas e uma porta) que, ao terem disposições diferentes, quebram a orientação simétrica desta fachada (para além de pequenos erros de construção, traduzindo-se em pequenas diferenças nas distâncias entre vãos).

A composição cuidada da fachada principal não encontra reflexo na fachada posterior. Ainda que esta mantenha, ao nível do piso superior, a lógica de repetição do mesmo tipo de vão, as distâncias variam para que haja correspondência com os interiores – foram, ainda, acrescentados dois elementos mais pequenos que não seguem a lógica da fachada, mas dos interiores. No piso térreo, dos sete vãos, um é janela e, das portas existentes destaca-se a do extremo direito, com a mesma configuração da que lhe corresponde na fachada oposta. Como a simetria aqui não existe, a porta do outro extremo não é igual. Para além disso, verifica-se uma deslocação da porta de acesso à cozinha em relação ao alinhamento do vão

¹⁶ A fonte, como actualmente está sem água, não exhibe o carácter cenográfico dado pelo derramamento do caudal, repartido pelas taças, até ao tanque, estimulando os sentidos da visão e audição.



Casa – vista NE



Casa – vista NO



Casa – vista SO



Casa – vista SE



Elementos decorativos



Escadaria e pórtico



Fonte

superior, acentuando o efeito de irregularidade nesta fachada. Terá a ver com a intenção de distinguir a entrada na cozinha das restantes entradas, dada a sua importância na arquitectura popular? Ou seria esta fachada entendida como traseiras da casa, portanto menos cuidada (ou até algo menosprezada) do que a fachada principal?

As fachadas dos topos da casa regem-se por maior simplicidade, contribuindo para tal a simetria que, na fachada NE (voltada para a rua), é total. Aqui, as três janelas do piso superior mantêm a repetição do tipo de vão das fachadas mais extensas e a porta do piso térreo situa-se ao centro da fachada, ostentando padieira e ombreiras diferenciadas das outras, porque em granito. A fachada oposta apresenta, também, simetria na disposição dos vãos superiores, mas com uma porta ladeada por duas janelas e não apresentando qualquer tipo de ornamento na parede. A sala que lhe corresponde abre-se ao jardim, através de um terraço, de construção posterior à casa ¹⁷. No piso térreo, as paredes que o suportam configuram uma nova loja, cuja parede frontal apresenta um conjunto de aberturas na sua parte superior, com formas em arco que nada têm a ver com a abordagem estilística da casa. Nesta parede abre-se, ainda, uma porta que não corresponde ao alinhamento dos vãos do piso superior.

Como já foi referido, as paredes são em adobe, revestidas por argamassa de cal e saibro. Um sistema estrutural de paus rolados, sustentados por paredes-mestras (mais espessas), suporta as lajes de madeira, enquanto o telhado, de quatro águas, é suportado por uma estrutura de asnas de madeira, com a particularidade de as escoras estarem dispostas ao contrário do usual, configurando assim uma espécie de dupla tesoura.

17 Esta hipótese admitiu-se quando se observaram alguns pormenores: a diferenciação entre a sua estrutura e a da casa, aliada à distinção formal entre os seus elementos e a linguagem da casa. De facto, as paredes são em blocos de cimento e as laterais fogem dos alinhamentos das fachadas da casa. Existe também um degrau que separa o terraço do patamar da escadaria, acompanhado pelo resalto da guarda em ferro forjado.



Casa – Acesso ao sótão



Casa - Cozinha



Casa - Janela



Casa - Terraço



Casa -
- Estrutura do telhado



Casa - Escadaria exterior

IV - Projecto

Programa

Quando ficou decidido que o programa a implementar na Quinta seguiria uma vertente cultural, permitindo o contacto do espaço com a envolvente, percebeu-se que seria benéfico (em termos apelativos e, consequentemente, de rentabilidade) a inclusão de condições para os utentes se poderem instalar, não estando condicionados por questões de mobilidade e horários possivelmente incompatíveis com os dos alojamentos na zona envolvente. Assim definiu-se um programa de turismo de habitação ¹⁸, com todos os espaços necessários ao funcionamento de um empreendimento deste género, uma piscina e, finalmente, um conjunto de espaços que, aproveitando os edifícios existentes, sirvam a vertente cultural da proposta.

Estudados os edifícios, foi proposto, então, o seguinte programa:

- Reestruturação dos caminhos existentes na Quinta e criação de um conjunto de espaços exteriores que sirvam as actividades a implementar no conjunto.
- Casa principal com programa de turismo de habitação, funcionando como núcleo do conjunto (recepção, salas de estar, sala de jogos, sala de refeições e três quartos com wc);
- Bateria de módulos independentes (cinco módulos constituídos por quarto, wc, sala e kitchenette) ¹⁹;
- Biblioteca (consistindo no aumento do espaço da biblioteca existente sendo esta mudada para o edifício da vacaria, para tal efeito);
- Sala de reuniões (programa implementado no edifício da garagem existente);
- Open space, com programa variado (ocupando os espaços dos anexos existentes);
- Salão de eventos (com wc e zona de serviços, preparada para o funcionamento de serviço de catering);
- Operação de restauro da capela (que se pretende manter inalterada, não fazendo parte deste estudo);
- Implementação de um conjunto de hortas pedagógicas (que sirvam os interesses das duas escolas próximas e do centro paroquial da freguesia);
- Piscina (com balneários de apoio);
- Zona de estacionamento para os utentes.

18 Segundo as tipologias de empreendimentos turísticos previstas no artigo 4º do decreto-lei nº 39/2008 de 7 de Março, as opções passavam pela implementação de um empreendimento de turismo de habitação.

19 A opção por este corpo de alojamentos determinou a implementação de quartos na casa principal, já que o artigo 22º da portaria nº 937/2008 de 20 de Agosto, obriga a que quando se pretende instalar unidades de alojamento fora do edifício principal, pelo menos duas das unidades se situem neste edifício.



Natureza como “filtro” do cotidiano



Preexistências – símbolos de vivências



Arruamento de buxo



Torreão no limite do caminho até à casa



Capela e sacristia – “aura” popular



Pavimento exterior junto à casa

Abordagem

*“Uma ideia é um pensamento. É um pensamento que contém mais do que se pensa que contém quando se o recebe. Mas, naquele primeiro momento, dá-se uma faísca. (...) Uma pessoa apaixona-se pela primeira ideia, por aquele pedacinho minúsculo. E, depois de a ter, o resto há-de vir com o tempo.”*²⁰

Quando tomei contacto com o espaço da Quinta de Nossa Senhora das Dores percebi, desde logo, a importância da sua dimensão orgânica. A natureza tem ali grande presença, exerce no espaço uma espécie de influência primordial e funciona como filtro do quotidiano citadino do território envolvente, vivido a um ritmo cada vez mais acelerado – ao entrar naquele espaço tão vasto e povoado de árvores, sente-se a acalmia do lugar e perde-se um pouco a percepção do que se passa lá fora, até em termos sonoros (já que o arvoredo absorve os ruídos). Isto levou-me a partir para o projecto com a máxima de que a arquitectura deve ir sempre ao encontro da natureza, que era possível delinear uma arquitectura orgânica. Por outro lado, a presença de preexistências, que seguem uma lógica própria, reforçou a certeza de que o ambiente e o espaço são um todo que se consubstancia no espírito do lugar.

Os conceitos ligados ao programa de turismo de habitação que se pretende implementar na Quinta – essencialmente a criação de um espaço de lazer e repouso – foram a deixa para pensar o espaço como um lugar de refúgio, calma e liberdade, que funciona de uma forma quase subserviente para com as árvores existentes. Terei sido, obviamente, influenciado pela consciência ecológica global dos dias de hoje, mas entendo também que, como já referi, as árvores existentes fazem parte da linha orientadora essencial da Quinta, dando sentido aos edifícios, através da utilização da perspectiva e dos contrastes claro/escuro e cheio/vazio – como foi já analisado.

As intenções projectuais para a Quinta, mais do que simplesmente apoiadas, são orientadas pelas preexistências, símbolos concretos das vivências que serviram. A intenção é manter (e, até, acentuar) a linguagem do conjunto, a sua orientação barroca na concepção de relações entre os espaços, pois parece-me que, de outra forma, este perde o seu sentido, ficando sem identidade. De que vale manter um arruamento de buxo, se este não servir a ideia de percurso que leva não só a algo importante nos extremos, mas também a uma série de espaços ao seu redor, de uma forma natural? Ou ainda, qual o interesse de abrir vãos numa parede exterior, se a zona exterior não dialogar com a sala para aí aberta?

O estudo para este trabalho funciona sobretudo na perspectiva de resolução formal e funcional dos espaços interiores e exteriores, tendo em conta:

- A (re) activação do diálogo entre os objectos arquitectónicos preexistentes e os exteriores;
- A reestruturação da linguagem orientadora do conjunto e aproveitamento das suas potencialidades;
- A resolução das questões que surgem da implementação de um novo programa num espaço preexistente, com marcada identidade;

A proposta é apresentada sob a forma de anteprojecto, sem estudo estrutural aprofundado, pois foi definida uma filosofia de projecto que visa, sobretudo, perceber (e experimentar) os tipos de confrontação entre o novo e o existente e o peso das circunstâncias que este carrega na determinação de uma linha orientadora do acto de projectar.

²⁰ LYNCH, D. (2008). *Em busca do grande peixe*. 1ª edição, Editora Estrela Polar. Cruz Quebrada – Oeiras. p. 33.

Proposta

Loteamento

Ainda que se tenha decidido não incluir, neste trabalho, o estudo aprofundado do loteamento, por este não se integrar directamente no tema escolhido, importa tecer algumas considerações.

O plano de pormenor de Aveiro prevê o seccionamento do terreno da Quinta, que resulta do prolongamento da rua existente a NO e consequente abertura de um arruamento que o atravessa transversalmente. Define-se assim uma área de construção para habitação, numa faixa de 100 m que tem como eixo a nova rua. Em toda a zona do terreno a SO desta faixa está impossibilitada a construção, dado que se integra na zona de Reserva Ecológica, prevista no PDM de Aveiro.

A possibilidade de ficarem com um espaço sem acesso directo, não integrado no empreendimento de turismo de habitação nem loteado foi, compreensivelmente, uma situação repudiada pelos clientes. Tendo em conta este pressuposto, a solução encontrada passa por conceber duas ruas paralelas à rua já prevista, concebendo seis frentes, uma das quais sendo dessa parcela de terreno, que assim é também loteada.

Entradas e estacionamento

Pretendia-se que as três entradas existentes na frontaria da Quinta fossem libertadas de constante afluência de veículos. A entrada principal da Quinta, que possui “ligação umbilical” com a capela, estando no seu enfiamento, passa a servir unicamente o acesso pedonal. As duas entradas laterais a esta servem de acesso menos frequente, como seja o de serviços (aliás, no seguimento da sua antiga função de acesso ligado às actividades agrícolas na Quinta). Destas duas, a entrada do lado posterior da casa servirá, principalmente, de acesso de apoio à sua zona de serviços.

Para apoio ao salão de eventos, foi criada entrada de serviço no muro NO do terreno.

Uma nova entrada a SO do terreno, no enfiamento do caminho existente que leva ao portão que separa o parque fronteiro do restante espaço exterior, serve a estrada dos carros ao parque de estacionamento, composto por zona de estacionamento geral, com 66 lugares e zona provada com 24 lugares, todos à sombra, cobertos com estrutura metálica. O parque de estacionamento foi colocado no sentido transversal ao terreno, junto à rua proposta, aproveitando a faixa configurada por esta e pela linha paralela de árvores. Junto a esta concebeu-se um muro de separação, interrompido por dois “objectos” que marcam as entradas no jardim e pretendem evocar os torreões existentes a SO, que não puderam ficar integrados no conjunto – fica a sua memória, dando sentido aos enquadramentos de buxo.

Espaços exteriores

Os edifícios existentes necessitam de algum desafogo nos espaços exteriores que o servem. Foram assim concebidas zonas de paragem e contemplação (praças), em micro cubo de granito, possibilitando esse acto de “olhar” os edifícios existentes, ao mesmo tempo que tencionam prolongar os seus espaços interiores, ligando-os a algo que se encontra “lá longe”, numa tentativa de conferir continuidade ao conjunto. Os percursos desenhados tendem a conformar as praças e aproveitar as potencialidades “teatrais” dos arruamentos de buxo, são percursos que produzem uma sensação de profundidade, procurando ainda provocar o efeito de surpresa de descoberta, através da concepção de ligações às praças, concebidas nas interrupções das linhas de árvores.

As praças servem as funções associadas aos edifícios adjacentes: as visitas à capela (possibilitando a reactivação da tradição antiga da romaria de Nossa Senhora das Dores e

actividades associadas – até zona de merendas), os acessos à casa, a extensão para o exterior do salão de eventos e as instalações temporárias (tendas), que poderão ser necessárias a actividades associadas.

Uma zona junto ao limite NO do conjunto é aproveitada para terreno de cultivo – hortas pedagógicas – usando o sequeiro adjacente como apoio.

A implementação de todos estes espaços procurou actuar nos intervalos dos conjuntos de árvores existentes, ainda assim, não evitando o “devaste”, ainda que espremido ao mínimo, de algumas.

Pretende-se, ainda, que os telheiros existentes façam parte da leitura de conjunto, parte de um espaço exterior que pretende ser um conjunto de artifícios que criam efeitos de surpresa.

Águas

Num conjunto onde se estabelecem relações de confronto entre pavimentos – o granito e a relva e o saibro – parece-me fazer todo o sentido a presença apaziguadora da água, elemento associado à frescura, liberdade e transcendência. Daí a opção pela introdução de dois espelhos de água, um que remata o edifício no extremo oposto e outro que, colocado no seguimento da capela, fá-la respirar, conferindo-lhe a abstracção necessária à transcendência (beber a “calmia” da água). Este espelho de água possibilita ainda a ligação visual do jardim fronteiro, verdadeiro hall de recepção do espaço da Quinta (daí a opção de retirar as árvores existentes que aí se acumulam) e confere-lhe mais uma entrada. Ainda no parque fronteiro, uma nova fonte tenciona evocar a existente, na fachada da casa, funcionando como corolário do novo caminho, que segue a ideologia tão caracteristicamente barroca da acentuação da perspectiva, da preocupação em prolongar os espaços até ao infinito.

Existe ainda outro elemento de água, este associado ao lazer e não ao simbolismo: a piscina, inserindo-se no espaço central da Quinta (numa zona onde não existem árvores), o que facilita a vivência no conjunto, ainda assim protegida, pelo edifício de apoio, dos ventos de Norte e da previsível movimentação oriunda das actividades na praça adjacente²¹.

Casa

O programa que se pretende implementar na casa, teve o cuidado de respeitar a sua morfologia, que corresponde a uma lógica que junta uma essência popular e uma orientação barroca.

Pretendeu-se manter a lógica de seccionamento do piso térreo, originalmente provocado pela organização do espaço em função das suas utilizações (o que tem correspondência nos vãos das fachadas). Assim, pensou-se para a zona central um espaço que serve de hall e uma zona de estar (com boa acessibilidade, tendo como função a disponibilização de equipamentos de telecomunicações). Nesta zona a organização espacial existente é algo labiríntica, pelo que se decidiu “limpar” o espaço, mantendo apenas as paredes que configuram a cozinha existente, que se mantém na sua função. Ao lado da sala de estar concebeu-se a sala de jogos (também pela relação directa com o exterior e melhor isolamento em relação ao resto da casa, dado o seu carácter um pouco barulhento). O hall está ainda ligado às escadas de acesso aos restantes pisos, aos wc e à sala de jantar dos hóspedes (o que permite aos wc maior abrangência de serviço). Esta sala de jantar aumenta o espaço da sala de jantar existente, através da demolição das paredes que compõem o compartimento por baixo da varanda e que a sustentam. Aqui nasce o principal problema

21 Por imperativos legais, a casa das máquinas teve que ficar numa zona afastada 25 m de qualquer entrada, não podendo também ser enterrada – decreto regulamentar nº 5/97 de 31 de Março.

estrutural na reabilitação da casa, a resolver posteriormente: a sustentação da varanda existente, que se pretende manter. No extremo oposto, a opção foi manter o espaço da sala da biblioteca (com algum peso na história do edifício), implementando aí uma função que também assume destaque no novo programa geral: a recepção (a ligação directa deste espaço à rua reforça o sentido desta opção).

Como surgiu a necessidade de conceber uma zona de serviços (devendo esta estar minimamente reservada), desenhou-se um piso enterrado, no qual foram colocados todos os espaços de serviço da casa, tirando a cozinha. Esta zona é servida por um pátio (garantindo ventilação e iluminação), com acesso exterior conformado por um muro circular que não se compromete a configuração das preexistências. O acesso pela casa à zona de serviço é feito por umas escadas colocadas num volume adossado à fachada posterior da casa, que respeita a sua linguagem e os alinhamentos existentes. É uma caixa permeável, de vidro, que tenta manter a continuidade da fachada.

Para o piso superior (originalmente composto por quartos e salas dos donos), são deixados espaços que servem funções idênticas. No extremo SO, o espaço da sala de jantar dos donos é mantido, mas reconvertido para sala de estar. Adossada a esta e comunicando com ela, configura-se uma outra. A ideia possibilidade das duas salas poderem funcionar em simultâneo, seguindo a ideologia barroca da sequência de espaços, levando ao terraço, espaço de contemplação do jardim.

A lógica pedida pelas escadarias exteriores é, também, mantida no extremo NE da casa, configurando uma pequena sala e a manutenção da lógica existente de corredor, dando este acesso a três quartos, com “temáticas” diferentes: quarto de casal, quarto duplo e quarto individual. Estes seguem a lógica das celas existentes, mas ocupando mais espaço (daí a intenção de demolição quase exclusiva de algumas das paredes perpendiculares ao corredor).

O acesso ao sótão é mantido, aproveitando o interesse formal dessas escadarias. Este espaço é deixado em aberto, para um programa a pensar posteriormente ²².

Nas fachadas, para não ferir a percepção do conjunto, as caixilharias das janelas e portas, em madeira já muito desgastada, serão substituídas por outras em alumínio pintado de branco, conformando panos de vidro maiores e mais simples, tendo em vista a leitura mais leve dessas aberturas e maior abertura à luz do sol e aos jardins.

Corpo de módulos independentes

Este corpo aproveita a vista do pomar em frente, o que lhe confere alguma privacidade e nasce a partir do telheiro adjacente. Destinado a servir hóspedes que pretendam algum isolamento, por questões de trabalho (investigadores da Universidade, por exemplo), ou simplesmente pretendam maior privacidade, é composto por 5 módulos de 43,5 m², contendo zona de estar e comer, zona de trabalho e zona de dormir. Os módulos são estendidos ao exterior por um estrado em madeira, “acondicionado” pelas árvores existentes. A linguagem das suas fachadas segue a repetição rítmica das fachadas da casa.

Biblioteca

O edifício onde se situa a vacaria da Quinta, pela sua localização próxima da casa, posição de destaque na zona SE do terreno e implantação alongada foi o local escolhido para a biblioteca. Com uma área de 121 m², foi pensada para 20 utilizadores, em 10 mesas de 2 lugares (opostos). As estantes são colocadas aproveitando os pilares adossados nas paredes, ficando as mesas de leitura na zona central, entre os muros aí existentes, que conformavam

²² Como é necessário garantir as instalações privadas do responsável pelo empreendimento, pensou-se que estas poderiam ficar no sótão, mas os clientes não o desejam. Assim, a solução imediata poderá ser a instalação do responsável num dos módulos exteriores do edifício, libertando o sótão para uma nova zona de estar ou para arrumos.

os nichos para os animais. A entrada no edifício é marcada por um pequeno bloco, de muros de granito, chamando aquela ao caminho adjacente à fachada SO da casa.

Sala de reuniões

A antiga garagem será reabilitada para um pequeno espaço de reuniões e conferências. Tem capacidade para 50 lugares sentados, distribuídos numa área de 80 m². Pretende-se acoplar um novo volume, separado formalmente daquele por um pano de vidro, para garantir instalações sanitárias que sirvam o espaço.

Open space

Os anexos existentes junto ao limite SE do terreno, serão transformados num open space (pela demolição das paredes interiores). Mantendo a sua linguagem, em todos os seus vãos passam a ter caixilharia fixa. Foi concebida uma nova entrada na parede exterior adjacente ao telheiro aproveitando, assim, o espaço por baixo deste para estender o interior, funcionando como espaço de transição. Pretende-se ainda que o alpendre acoplado a este edifício, no lado oposto, seja zona de arrumação de lenha, pois a intervenção geral passa também pelo assumir da essência rural da Quinta (tal como acontece com as hortas pedagógicas, não isoladas e integradas no conjunto).

Salão de eventos

Este espaço pretende servir vários tipos de eventos a visitantes que aluguem o espaço para tal efeito (exposições, jantares temáticos, convívios de empresas ou conferências). A zona escolhida para a sua implantação prende-se, por dois motivos: é um descampado e está próximo da rua. Aproveitando o alinhamento do sequeiro, afasta-se do caminho existente no jardim, definindo uma zona pavimentada que poderá funcionar como extensão da sua função ao exterior. A sala tem 240 m² e foi pensada para 100 lugares, distribuídos por 10 mesas de 10 lugares em 2/3 do espaço, deixando o 1/3 restante para zona de dança ou de palco (amovível). A sua zona de serviços está preparada para a utilização por um serviço de catering²³.

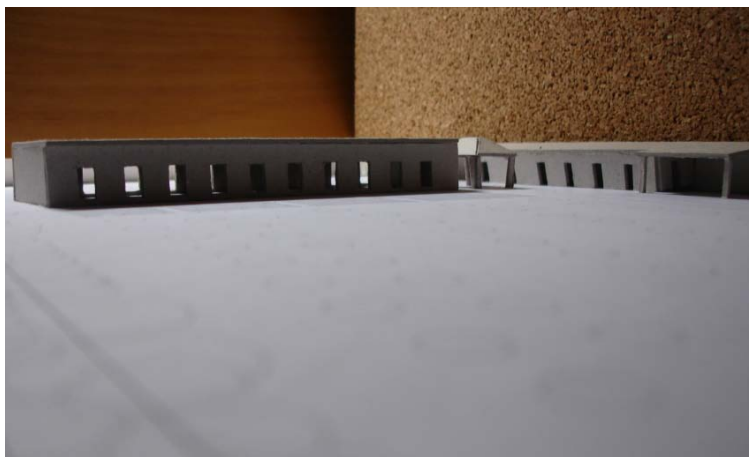
23 De acordo com o decreto lei nº 234/2007 de 19 de Junho, dos serviços de restauração e bebidas.



Vista Sudoeste da proposta de intervenção



Vista Sul do conjunto pela piscina proposta



Vista Poente do corpo dos módulos independentes

Conclusão

Álvaro Siza diz que “*a ideia está no «sítio», mais do que na cabeça de cada um*”²⁴, porque o “sítio” tem uma identidade própria, carrega consigo um conjunto de particularidades, que é necessário perceber e hierarquizar, por forma a entender a essência do lugar. Dito de outra forma, importa intervir no espaço preexistente na perspectiva de manter a sua identidade, já que só assim o projecto faz sentido, só assim se poderão criar bases sólidas para que a intervenção se abra ao futuro. “*(...) Se não existisse um precedente, o mundo teria que ser inventado a cada segundo. Mas o precedente é o ingrediente que articula o discurso da memória da cultura e também da civilização à escala planetária. O valor do precedente é inegável*”²⁵.

O espaço da Quinta objecto do meu estudo insere-se num contexto de relações específicas que se foram perdendo ao longo dos tempos, pelas mudanças de estilo de vida da população geral. Se essas relações já se perderam, restam as memórias, maioritariamente associadas a um tipo de conhecimento empírico que resulta de uma linha de experimentação que cruzou a História. Este trabalho ajudou-me a perceber a importância e o potencial desta linha orientadora, da sua função forçosamente pedagógica.

Reabilitar é também sensibilizar outros, lembrando-lhes que a cultura de uma região passa pelas memórias dos lugares e que estas não podem ser suprimidas a qualquer preço porque isso não é desculpável nem pela ignorância.

A Quinta de Nossa Senhora das Dores, não guardando mais no seu “interior” o gérmen de uma economia de subsistência ligada à agricultura e pecuária, pretende agora afirmar-se como uma mais-valia geradora de sinergias, motor de vontades, apontando caminhos no sentido da valorização do passado a pensar no futuro.

24 MURO, C. (1994). Um arquitecto foi chamado, in *Álvaro Siza Escritos*. Editions UPC. Barcelona. p.17.

25 BAGANHA, J. (2005). Casas com tradição. Edições Caleidoscópio. Casal de Cambra. p.27.

Bibliografia/fontes

Livros

- AAVV. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal: Volume 1*. Centro editor da Ordem dos Arquitectos. Lisboa.
- AFONSO, G. (2001). *Santa Maria do Bouro: construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro – Eduardo Souto de Moura*. 1ª edição. White & Blue edições. Lisboa.
- ANDO, T. (2003). *Conversas com Michael Auping*. Editorial Gustavo Gili, SA. Amadora.
- AZEVEDO, C. (1969). *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Editora Livros Horizonte. Lisboa.
- BAGANHA, J. (2005). *Casas com tradição*. Edições Caleidoscópio. Casal de Cambra.
- BARATA, J. P. M. (1989). *A arquitectura Popular Portuguesa*. Ed. Correios e Telecomunicações de Portugal.
- CIANCHETTA, A. e MOLTENI, E. (2004). *Álvaro Siza, Casas 1954-2004*. Editora GG. Barcelona.
- CHAVES, L. (1959). *A Arte Popular: aspectos do problema*. 2ª edição. Portucalense editora. Porto.
- FERNANDES, F. e CANNATÀ, M. (2003). *João Mendes Ribeiro – Arquitecto*. 1ª edição. ASA Editores. Porto.
- FRANÇA, J. A. (1966). *A Arte em Portugal no séc. XIX – Volume II*. Bertrand Editora. Lisboa.
- LYNCH, D. (2008). *Em busca do grande peixe*. 1ª edição, Editora Estrela Polar. Cruz Quebrada – Oeiras.
- MACHABERT, D. (2002). *Des mots de rien du tout*. Publications de l'Université de Saint-Étienne.
- MURO, C. (1994). *Álvaro Siza. Escrits*. Edicions UPC. Barcelona.
- NEVES, J. M. (2005). *Casas com tradição*. Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas. Casal de Cambra
- NEVES, J. M. (2008). *Casas Recuperadas II*. Caleidoscópio. Casal de Cambra
- PESSANHA, M. (2003). *Siza - Lugares Sagrados-Monumentos*. 1ª edição, Campos das Letras-Editores, SA. Porto.
- ROCHA, J. A. *Quinta da Gruta – Reabilitação – Maia*. Edições ASA Editores II, SA. Porto.
- RODRIGUES, A. J. (1992). *Álvaro Siza: obra e método*. F. M. Providência (coord). 1ª edição, Editora Civilização. Porto.
- SIZA, A. (1988). *Imaginar a evidência*. Edições 70. Lisboa.
- TÁVORA, F. (1999). *Da Organização do Espaço*. Publicações FAUP. Porto.
- TRIGUEIROS, L. (1993). *Fernando Távora*. Editorial Blau. Lisboa.
- TRIGUEIROS, L. (1997). *Álvaro Siza 1954-1976*, Editorial Blau. Lisboa.
- ZEVI, B. (1996). *Saber Ver a Arquitetura*. 5ª edição, Martins Fontes Editora Lda. São Paulo.

Periódicos

ALMEIDA, R. S. (2000). A cidade é sempre antiga. *Arquitectura e Vida*, **11**: 16-22.

NEVES, J. M. (2007). *Arquitectura Ibérica – Reabilitação*, **19**.

NEVES, J. M. (2007). *Arquitectura Ibérica – (Re) Habitar*, **20**.

ROCHA, J. A (2002). Uma nova existência. *Arquitectura e Vida*, **25**: 46-51.

Provas finais e teses

CARVALHO, M. J. G. (1999). *Povoamento e vida material no concelho de Aveiro: Apontamentos para um estudo histórico-toponímico*. Tese de Mestrado. UA. Aveiro. 324 pp. + CVII pp. de anexos.

SOBREIRA, P. D. (2006). *Quinta da Vila Cadaval – Recuperação e Reabilitação*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura. FAUP. Porto. 140 pp. + VII pp. de anexos.

VALE, F. V. (2007). *Da Arquitectura do Sonho Alheio*. Prova final para obtenção de licenciatura em Arquitectura. FAUP. Porto. 107 pp.

Websites

http://master.imb.br/engenharia/m_dicionario.htm#A

<http://pt.blog.toprural.com/>

<http://www.assec.pt/casa-do-coro/>

<http://www.casadaeira.com/>

<http://www.hoteis-portugal.pt/>

<http://www.solar-aflordarosa.com/>

<http://www.turismodeportugal.pt/>

<http://www.wikipedia.org>

Agradeço ao Professor Domingos Tavares, pela sabedoria, simpatia e paciência.
A todos os que me fizeram crescer, mesmo os que não o sabem.
A ti.
D., I should've come over...
À Kika.

À minha mãe.